

## A SEDE DA FAZENDA MONTE SERRATE NO MUNICÍPIO DE ITUPEVA

*Nilson Cardoso de Carvalho\**

### Introdução

Pesquisando a história da ocupação rural na região entre Indaiatuba e Jundiá, Estado de São Paulo, obtive informações sobre a existência de uma sede de fazenda no atual Município de Itupeva, cujas características construtivas vinham sendo levantadas pelo Eng<sup>o</sup>. Celso Lago Paiva<sup>1</sup>, que assim a descreve:

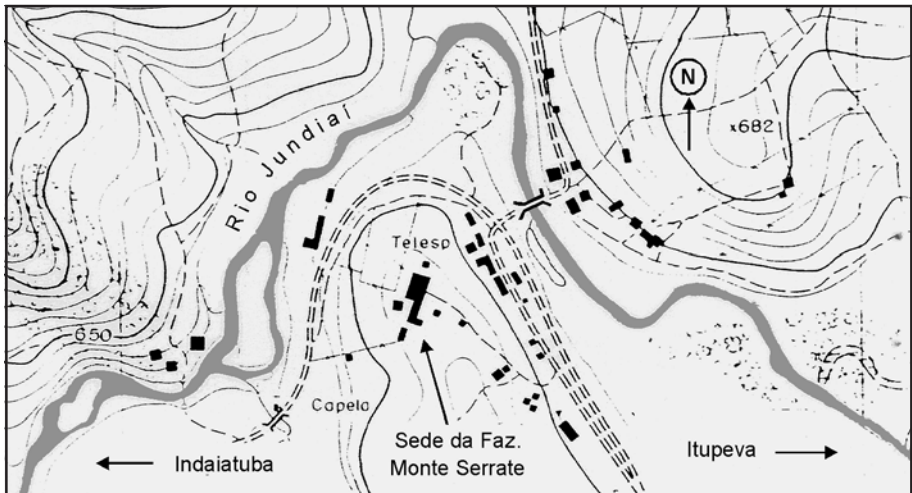


fig.1 - Localização da Faz. Monte Serrate, seg. mapa do Instituto Cartográfico de São Paulo

“A grande Sede da Fazenda Nossa Senhora do Monte Serrat, em território de Itupeva, desmembrado de Jundiá, conserva-se até hoje, quase bicentenária, como exemplar que impressiona no quadro das construções coloniais paulistas.

Ergue-se a Sede a cerca de 655 m de altitude, em patamar

natural de encosta suave, sendo a região imediata rica em serrotes e morros com declividade acentuada. Sua fachada principal olha para curva do rio Jundiá a nordeste, do qual dista entre 150 e 300 metros.

O impressionante nessa construção é a área de seu corpo retangular mais antigo, de taipa de pilão, com 844,17 m<sup>2</sup> (testada de 25,32 m e fachada lateral de 33,34 m). Trata-se de uma das maiores residências conhecidas para o colonial paulista, senão a maior. O porte agigantado acentua-se pelo tamanho das camarinhas ou alcovas (com 33 m<sup>2</sup> cada) e pela altura do telhado.

A planta baixa segue o padrão evolutivo herdado das residências ditas ‘de tradição bandeirista’: faixa fronteira com três casas (cômodos), sendo a casa central (pretório) fechada por parede, faixa posterior tomando quase toda ou toda a largura da edificação (varanda), corredor estreito ligando ambas as faixas e as camarinhas dos lados desse corredor, com todas as casas assobradadas” (comunicação pessoal, 5 jul. 1997).”

Visitei a construção no dia 3 de maio de 1997, iniciando a seguir pesquisa nos cartórios e arquivos de Jundiá e Itu, e a literatura pertinente. Obtive depoimentos de pessoas ligadas à fazenda e região. O resultado é apresentado neste trabalho, visando a estabelecer o histórico de todos os proprietários da Monte Serrate, desde sua abertura até nossos dias.

### **Francisco de Paula Leite de Barros, fundador da Fazenda Monte Serrate**

O Dr. José de Paula Leite de Barros, notável médico, político e historiador ituanu, é quem nos esclarece sobre as origens da Fazenda Nossa Senhora do Monte Serrate<sup>2</sup>, no então Bairro de Itupeva da Vila de Nossa Senhora do Desterro de Jundiá. Ela foi fundada por um seu parente nos fins do século dezoito ou início do dezenove, conforme se deduz pelo relato biográfico que faz em “Algumas notas genealógicas da família Paula Leite, ramo localizado em Itu”<sup>3</sup>.

Seu fundador foi Francisco de Paula Leite de Barros, o primeiro desse nome<sup>4</sup>, filho de Marcos Leite de Barros e Maria de Góes Castanho, nascido em Itu e batizado na Matriz dessa Vila em 15 de fevereiro de 1767.

Residiu os primeiros anos de sua vida em companhia de seus pais no sítio do Bananal, que ficava meia légua abaixo do Salto de Itu, à margem direita do rio Tietê, e, quando moço já maduro, enamorou-

se de sua parente e vizinha, a jovem Maria Joaquina de Campos, filha do Alferes José Joaquim de Campos Leite da Silva.

Logo após o nascimento dessa filha única, o Alferes, como muitos ituanos de então, aventurou-se rumando para as minas de ouro de Cuiabá, deixando esposa e filha aos cuidados do Padre João Leite Ferraz, rico proprietário local e protetor da capela de Nossa Senhora do Salto.<sup>5</sup>

Desejando Francisco casar-se com Maria Joaquina, o padre João Leite Ferraz impôs, como condição para o casamento, que Francisco trouxesse um tronco de cedro de uma árvore existente à beira do tanque do “Sitio Grande”, no bairro do Pirai, propriedade de seu parente João de Almeida Prado.

O pretendente, vencendo muitas dificuldades, executou a tarefa, colocando o tronco de cedro no largo da Matriz de Itu e, completando as exigências do Padre Ferraz, contratou um famoso imaginário na vila de Parnaíba, que esculpiu uma linda imagem de Nossa Senhora do Monte Serrate, a qual mais de cem anos depois ainda ornava o altar da Matriz de Salto, até que no ano de 1935 um incêndio a destruiu junto com a antiga capela.<sup>6</sup>

Francisco de Paula e Maria Joaquina casaram-se na Matriz de Itu aos 26 de fevereiro de 1797.

Em 1810 acompanhado por seu filho primogênito do mesmo nome, então com doze anos de idade, viajou até Cuiabá a fim de receber a herança deixada por seu sogro, falecido no ano anterior. Depois de péssima viagem em lombo de burro que demorou seis meses, pelos inóspitos sertões de São Paulo, Minas, Goiás e Mato Grosso, chegou afinal a Cuiabá, onde veio a saber que seu sogro morrera com poucos recursos, nada deixando que compensasse os incômodos e despesas da penosa viagem.

Regressando, Paula Leite trouxe consigo cinco ou seis mudas de cana “caiana branca” e plantou-as em sua Fazenda Nossa Senhora de Monte Serrate.

A sede dessa fazenda existe ainda hoje e fica no Município de Itupeva, onde está localizada a estação de Monte Serrat da ex-estrada de ferro Ituana. Essa fazenda, batizada com o nome da santa de sua veneração, foi fundada por ele reunindo várias propriedades.<sup>7</sup>

As mudas de cana brotaram e disseminou-se a planta pelos lavradores vizinhos com lucros consideráveis, porquanto a “caiana



**fig.2 -Vista lateral esquerda da Sede da Faz. Monte Serrate em 3 de maio de 1997**

branca” produzia até cinco vezes mais açúcar que a variedade até então cultivada na Capitania de São Paulo.

Francisco de Paula tinha grande pendor e inclinação para os assuntos de construção; para tanto possuía os apetrechos e utensílios na época em uso, tais como grossas cordas e cabos, moitão, correntes e outros objetos mais, e toda vez que se lhe oferecia ocasião utilizava-os com prazer.

A pedido do Padre Jesuino do Monte Carmelo construiu todo o madeiramento da igreja de Nossa Senhora do Patrocínio de Itu e também o madeiramento do convento anexo.<sup>8</sup> Para tanto Francisco se transferiu de sua Fazenda Monte Serrate para Itu, e junto com seus escravos conhecedores do ofício, executou o penoso e arriscado trabalho de levantar e colocar em seus respectivos lugares as grossas e pesadas vigas e traves, destinadas a suportar o grande esqueleto superior do imponente e arrojado templo. Esse trabalho foi realizado sem remuneração alguma.

Em tombamento mandado executar por D. João VI em 1817 (Bens Rústicos), existiam em Jundiáí 27 senhores de engenho, entre os quais figurava Francisco de Paula Leite, possuidor de 32 escravos em seu “engenho Monte Serrate”.<sup>9</sup>

Depois de uma vida longa, modesta e honrada, morreu Francisco de Paula Leite de Barros no ano de 1829 em Itu.

### **D. Maria Joaquina de Campos, segunda proprietária**

Falecendo Francisco de Paula, a Monte Serrate passou a ser propriedade da viúva, D. Maria Joaquina de Campos, que após sofrer um “insulto apoplético” faleceu em 1837. No inventário de seus bens, em partilha amigável entre irmãos e cunhado, coube ao herdeiro Francisco de Paula Leite de Barros “o sítio do Itupeva, casas de morada e fabrica de assucar avaliado pela quantia de trez contos quinhentos cincoenta e hum mil novecentos e treze reis”<sup>10</sup>.

### **Francisco de Paula Leite de Barros, segundo desse nome, terceiro proprietário**

Esse novo dono da Fazenda Monte Serrate nasceu no Município de Itu em 1798 e casou-se em 1823 com Leonor de Siqueira Pacheco. Nesse mesmo ano de 1823, havia requerido ao Governo Provisório de São Paulo que, embora morando no município de Jundiaí, seu endereço eleitoral pertencesse ao distrito de Itu. Esse requerimento foi aprovado pelo Governo Provisório, mas revogado dois anos depois pelo Conselho da Presidência do Governo da Província, ficando Paula Leite sujeito ao cumprimento da lei, que o obrigava a votar e servir aos cargos públicos quando indicado pelos eleitores de Jundiaí.<sup>11</sup>

Para cumprir a palavra que dera ao seu vizinho de lavoura e influente chefe político, “verdadeiro mandachuva de Jundiaí”, major Antônio de Queiroz Telles — de que daquela data em diante (1836) não mais aceitaria cargo ou emprego público, qualquer que fosse — trocou a Fazenda Monte Serrate pela Fazenda Bom Retiro, situada no Município de Itu, propriedade do Dr. José Manoel da Fonseca. Ficou assim desobrigado de exercer o cargo de juiz de paz em Jundiaí, para o qual fora eleito por influência de Queiroz Telles. Essa troca, proposta por Paula Leite, foi feita com desvantagem para ele, pois a Monte Serrate era muito superior à Bom Retiro<sup>12</sup>.

### **Dr. José Manoel da Fonseca, quarto proprietário**

Conceituado advogado em Jundiaí, o novo dono da Monte Serrate foi o Dr. José Manoel da Fonseca, futuro Senador do Império e hoje nome de uma das principais vias públicas de Jundiaí, a rua Senador Fonseca.

Filho de Antônio Pacheco da Fonseca, abastado senhor de engenho em Itu<sup>13</sup>, e de D. Gertrudes Angélica Rodrigues de Almeida,



**Figura 3**  
**Dr. José Manoel da Fonseca**

nasceu José Manoel da Fonseca na cidade de São Paulo, aos 5 de abril de 1803, formando-se em Leis pela Universidade de Coimbra. Ocupou cargos de Procurador fiscal da Tesouraria da Fazenda de São Paulo e administrou a Província como seu vice-presidente em duas ocasiões: a primeira em 1839, nomeado pela Assembléia Provincial e a segunda em 1842, nomeado pelo Governo Imperial. Foi eleito deputado por São Paulo na 5.<sup>a</sup> Legislatura, foi membro da Assembléia Provincial e exerceu por várias vezes outros cargos de eleição popular e de nomeação do Governo na Vila de Jundiá, onde era estabelecido com importantes fazendas de açúcar e de café. Em 1852 entrou em lista tríplice para Senador e em 1854 foi escolhido. Foi redator do “Novo Farol

Paulistano”, figurando seu nome nos acontecimentos mais notáveis da política da Província de São Paulo.<sup>14</sup>

Foi casado com sua parente D. Ana Joaquina do Prado e faleceu na cidade de São Paulo, a 10 de março de 1871.

### **Coronel Antônio Leme da Fonseca, quinto proprietário**

Com sua esposa legítima, D. Ana Joaquina do Prado, o Senador Fonseca teve um único filho: o Coronel Antônio Leme da Fonseca, que herdou a Monte Serrate.

Nascido no ano de 1839 em Jundiá, onde era muito querido e popular, estava Antônio Leme da Fonseca sempre entre os primeiros a interessar-se pelos melhoramentos locais. Ocupou todos os cargos públicos de eleição, tendo sido vereador em quatro quadriênios, só deixando o exercício de atividades públicas com o advento da República, ocasião em que não aderiu, conservando-se fiel às suas crenças. Dedicou-se à lavoura, mostrando-se empreendedor e progressista nessa



**Figura 4**  
**Cel. Antônio Leme da Fonseca**

atividade, e mais tarde ao comércio, como sócio da casa comissária Gomes & Cia, de Santos. Foi um dos fundadores da Fábrica de Tecidos de Jundiáí, do Colégio Senna Freitas e também do Ginásio Infantil de Jundiáí.

Nos últimos anos de sua vida fez viagens para tratar de sua saúde, percorrendo vários países da Europa, dos quais dava notícias em agradáveis palestras referentes ao progresso que então se verificava naquele continente. Cogitava repetir essas viagens quando faleceu, em Jundiáí, no dia 27 de dezembro de 1897.<sup>15</sup>

### **Os Prates da Fonseca, sextos proprietários**

O Coronel Antônio Leme da Fonseca foi casado duas vezes, sendo a segunda esposa sua sucessora na propriedade da Monte Serrate. Chamava-se D. Clara Prates e era filha do Comendador Fidelis Nepumuceno Prates e de D. Ana da Silva, filha dos Barões de Antonina. O Coronel e Clara casaram-se em 1877 e tiveram nove filhos, todos menores em 1897.

D. Clara Prates da Fonseca, assim era seu nome de casada, assumiu a direção da fazenda, ocasião em que a sede passou a ser conhecida como “Solar dos Prates”.

A Monte Serrate pertenceu aos Prates da Fonseca até 16 de novembro de 1911, quando D. Clara — proprietária de quatro sétimos — e seu filho Paulo Prates da Fonseca — proprietário de três sétimos — então residentes em São Paulo, a venderam por duzentos e sessenta contos de réis para Theodomiro de Almeida Prado e seu primo, Dr. Luis Carlos Berrini, ambos descendentes do Capitão-mor João de Almeida Prado.

### **Os Almeidas Prados, sétimos proprietários**

Theodomiro de Almeida Prado casado com Carlota de Souza Freitas, era irmão de Elvira de Almeida Prado, casada com o engenheiro Dr. Luis Carlos Berrini, nome de rua na cidade de São Paulo, filho do Dr. Carlos Berrini, italiano, também engenheiro, e de sua esposa D. Leonor de Almeida Prado. Os novos proprietários eram, portanto, além de primos em primeiro grau, também cunhados.<sup>16</sup>

A fazenda Monte Serrate tinha então uma área de 368 alqueires, 220.000 pés de café e benfeitorias diversas, móveis, semoventes e

acessórios. Confrontantes: José de Queiroz, Galdino de Moraes, D. Antônia Sampaio, herança de Antônio de Almeida Sampaio, Dr. Estanislau do Amaral e Empresa de Força e Luz de Jundiáí.<sup>17</sup>

O Dr. Luis Carlos Berrini fez construir na Monte Serrate um sistema de captação de água de nascente, que era levada a um reservatório construído sobre uma pedra no alto de um morro, distante cerca de dois quilômetros, de onde descia por gravidade com grande força, abastecendo a sede, as casas dos empregados e casas da estação da estrada de ferro. Esse sistema existe ainda hoje. Existia também uma rede elétrica que distribuía energia a todas as partes da fazenda, energia essa fornecida pela usina da Empresa de Força e Luz de Jundiáí, situada bem próxima à casa-sede. Essa usina existe ainda hoje, desativada.

### **Vicente Tonolli, oitavo proprietário**

Vicente Tonolli nasceu em Castellucchio, Mantova, Itália em 1872 e aos 26 anos emigrou para o Brasil, aqui chegando no final de 1898, junto com três irmãos, estabelecendo-se todos em Itupeva, onde, junto à estação da estrada de ferro da Companhia Ituana, montaram casa e armazém. Vicente comprou em 1917 o seu próprio armazém na estação de Monte Serrat e dois anos depois comprou também a Fazenda Monte Serrate. Era propriedade, em 1919, de Theodomiro de Almeida Prado e estava situada numa faixa comprida e estreita margeando cerca de oito quilômetros o lado esquerdo do rio Jundiáí, junto aos trilhos da estrada de ferro. Contava com inúmeras benfeitorias tais como a sede, senzalas, três alqueires de pomar, 25.000 m<sup>2</sup> de terreiro de café, estufa, linha férrea particular, onde corriam os vagonetes carregados de café, do terreiro até o local de embarque.



**Figura 5**  
**Vicente Tonolli**

Vicente Tonolli num vantajoso contrato com a companhia de energia elétrica, deu um braço do rio Jundiáí situado dentro de sua propriedade a troco do fornecimento de energia elétrica, para sempre, à Monte Serrate.

Até 1930 mais de 100 famílias moravam na colônia da fazenda, onde se cultivavam 450.000 pés de café, sendo Vicente Tonolli o maior



produtor dessa rubiácea no Município de Jundiáí, fato que o envaidecia muito e por isso conservava na parede da sala do casarão um diploma atestando essa condição.

Com a crise de preços na quebra da Bolsa de Nova York em 1929, não havendo compradores, a produção de café começou a ser estocada. Nessa ocasião 18.000 sacas do café produzido na Monte Serrate foram queimadas. Foi um duro golpe nas finanças de Tonolli, que perdeu quase tudo, sendo obrigado a vender diversos imóveis que possuía na cidade de Jundiáí para saldar dívidas.

Vicente foi casado com D. Argia Spina e o casal teve os filhos: José, Antônio, Sócrates, Arquimedes, Ermelinda, Idalina, Maria e Rosa, todos com o sobrenome Tonolli.

Quando faleceu em março de 1947, Vicente Tonolli deixou a Fazenda Monte Serrate para seus herdeiros, que então eram sete. A fazenda tinha 352 alqueires e nos anos 50 os herdeiros a dividiram pela primeira vez. Nos anos subsequentes foi sendo cada vez mais fragmentada, de tal forma que a sede está hoje situada numa área de apenas 4 ou 5 alqueires.<sup>18</sup>

### **Rosa Tonolli e Plínio Cordeiro e Silva, nonos proprietários**

Rosa Tonolli foi quem ficou com a sede da Monte Serrate. Casou-se com Plínio Cordeiro e Silva e o casal, juntamente com os filhos Álvaro, Zuleica e José habitaram o casarão<sup>19</sup> e foi a filha Zuleica, casada com o engenheiro cearense Magno Melo Marques, quem o herdou.

### **Os Silvas Marques, décimos proprietários**

Magno Melo Marques, viúvo de Zuleica Silva Marques, e os filhos são os atuais proprietários da sede da Monte Serrate. O casal teve três filhos: Marcelo, engenheiro civil, Fábio, estudante e Leonardo, também estudante. A família, que reside numa casa situada ao lado do portão de entrada da sede, está fazendo esforços para manter o casarão. Mandaram amarrar as telhas, estão substituindo o reboco antigo e também recuperando o assoalho de tábuas da varanda.

A conservação é do interesse dos atuais proprietários, que estão cientes da importância da edificação e da necessidade de se manter suas características originais.

## Conclusão

Esses dados sobre a Fazenda Monte Serrate, pinçados ao longo de dois séculos, embora poucos, servem para caracterizar a importância histórica de sua sede, que por circunstâncias favoráveis e qualidade de sua estrutura, se mantém de pé, desafiando o tempo como documento vivo do passado daquela região onde está edificada. Como unidade de produção no ciclo da cana de açúcar — base econômica da prosperidade de São Paulo — e também como a sede de uma significativa fazenda de café, essa construção deve ser preservada, como se preserva um bem cultural insubstituível.

Finalizando, exortamos os atuais proprietários, os quais estão cuidando de sua manutenção na medida do possível, a que continuem a fazê-lo, restaurando e dando à sede da Fazenda Monte Serrate uma revitalização adequada, que assegure a sua integridade, para que possa ser vista e admirada pelas gerações futuras.

## Agradecimentos

Anicleide Zequini, Arthur Nogueira Campos, Maria Cristina Monteiro Tasca, Eng<sup>o</sup> Celso Lago Paiva, Prof. Jonas Soares de Souza, Prof. Lauro Ratti Júnior, Leonardo Silva Marques, Eng<sup>o</sup> Magno Melo Marques, Profa. Dra. M. Antonieta T. Ribeiro Bastos, Eng<sup>o</sup> Marcelo Silva Marques e Dr. Noraldino Tonolli.

## NOTAS bibliográficas e explicativas

<sup>1</sup> Celso Lago Paiva, pesquisador de História da Técnica Construtiva Colonial, é membro do Grupo de Estudos de História da Técnica (CMU/UNICAMP) e do ICOMOS/Brasil.

<sup>2</sup> “Monte Serrate” é a grafia usada nos documentos antigos, tais como o assento a fls. 1 do “Livro de assentamento dos Irmãos do Monsserrate do ano de 1858”, onde se lê “... húa Irmandade intitulada Restauradora do Culto e Capella da Virgem Nossa Senhora do Monte Serrate” (Arquivo da Matriz de Salto; in CASTELLARI, Luiz, História de Salto, Salto 1971, pág. 34).

<sup>3</sup> BARROS, José de Paula Leite de, Algumas notas genealógicas da família Paula Leite, ramo localizado em Itu, in Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, no 25, 1928, páginas 343 a 443.

<sup>4</sup> O último Francisco de Paula Leite de Barros, quinto a receber esse nome, é descendente direto do primeiro e nasceu em 1934. É proprietário (1997) da

Fazenda São Francisco, vizinha da Fazenda Santa Elisa, hoje no Município de Indaiatuba.

<sup>5</sup> O Padre João Leite Ferraz de Arruda foi o construtor da atual Igreja Matriz de Itu, inaugurada em 10 de abril de 1780 (NARDY FILHO, Francisco, A Cidade de Itu, volume 3.o, São Paulo, 1950, pág. 16)

“Em fins do século XVIII o Padre João Leite Ferraz, natural de Itu e senhor de enorme cabedal, muito devotado à ‘Senhora do Monte Serrado’, incumbiu-se de restaurar a Capela da milagrosa Santa” (CASTELLARI, obra citada, pág. 55).

<sup>6</sup> Essa imagem destruída pelo fogo foi substituída por outra, encomendada pelo Dr. José de Paula Leite de Barros e subvencionada pela família Paula Leite. A nova imagem foi entronizada na nova Matriz a 1.o de maio de 1936 (CASTELLARI, obra citada, pág 55).

<sup>7</sup> A fundação da Fazenda Monte Serrate ocorreu antes de 1810, pois ao regressar de Mato Grosso ela já existia. Outra evidência é a de que o nome de Francisco de Paula Leite aparece pela primeira vez em Jundiáí no recenseamento de 1805 (BACELLAR, Carlos de Almeida Prado, Os Senhores da Terra, Campinas, CMU/UNICAMP, 1997, pág. 191).

<sup>8</sup> A construção da Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio foi iniciada em 1810-1812, pelo Padre Jesuino do Monte Carmelo e concluída pelo Padre Simão Stock. Foi inaugurada em 1820 (SOUZA, Jonas Soares de [texto]; MAIA, Tom [desenhos]; MAIA, Thereza Regina de Barros Camargo [legendas], Itu — Quatro séculos de História, São Paulo, Expressão Editorial, 1995, páginas 18 e 116).

<sup>9</sup> SOUSA, Júlio Seabra Inglez de, s.d., A Agricultura em Jundiáí - 1615/1925, pág. 27.

<sup>10</sup> Autos Civeis de Inventario em que he Inventariada D. Leonor de Siqueira Pacheco - Inventariante Francisco de Paula Leite, Cartório do 1.o Ofício de Itu, 1840, maço 49, doc. a fls. 24.

<sup>11</sup> DOC. INT. DAESP, volume 86, pág. 105.

<sup>12</sup> Essa troca foi efetuada após o inventário de D. Maria Joaquina de Campos, mãe de Francisco. Segundo Silva Leme a mudança ocorreu em 1939 (LEME, Luiz Gonzaga da Silva, Genealogia Paulistana, Volume 3.o, São Paulo, 1904, tto. Pedrosos Barros, pág. 465).

<sup>13</sup> BACELLAR, Carlos de Almeida Prado, obra citada, pág. 190.

<sup>14</sup> O Dr. José Manoel da Fonsseca era um legalista, como demonstra sua atuação em dois acontecimentos de relevo na Província. Achava-se na cidade de São Paulo, em companhia de seu pai, o vereador da Câmara de Itu Antonio Pacheco da Fonseca, quando ocorreu a “Bernarda de Francisco Inácio”, em maio de 1822, episódio em que esse militar e outros oficiais, utilizando a tropa, depuseram os Andradas e outros membros do Governo Provisório. O jovem José Manoel da Fonseca e seu pai partiram para Itu onde o vereador Fonseca convocou a Câmara e o povo e fez lavar os protestos de fidelidade que celebrizaram aquele município. As atas da Câmara de Itu, relativas ao episódio, trazem sempre encabeçando-as, a assinatura de Antônio Pacheco da Fonseca. As assinaturas de José Manoel da Fonseca aparecem nos mani-

festos de fidelidade a D. Pedro I, que foram então lavrados. Tanto as atas como os manifestos foram transcritos na íntegra por NARDY FILHO no volume 2.º de A Cidade de Itu. Outro acontecimento de que participou foi a Revolução Liberal de 1842, ocasião em que, em Jundiaí, juntamente com seu sogro Antônio de Queiroz Telles, o Dr. José Manoel da Fonseca se colocou contra os liberais, apoiando as tropas de Caxias.

As informações sobre o Dr. José Manoel da Fonseca foram colhidas nas fontes seguintes: RIBEIRO, J.J., Cronologia Paulista, São Paulo, 1899, Volume 1.º, pág. 394 / MARQUES, Manuel Eufrásio de Azevedo, Província de São Paulo, Ed. Itatiaia/Edusp, São Paulo, 1980, Volume 2.º, pág. 60 / NARDY FILHO, Francisco, A Cidade de Itu, Volume 2.º, São Paulo, 1930, páginas 37 a 141.

<sup>15</sup> *Commercio de São Paulo*, São Paulo, 31 dez. 1897, in RIBEIRO, J.J., obra citada pág. 418

<sup>16</sup> GRELLET, J. Almeida, Os descendentes do Capitão mor de Sorocaba José de Almeida Leme, Campinas, 1979, s.ed., pág. 105.

<sup>17</sup> Livro 3-H de Transcrição de Imóveis, fls. 074, transcrições 4.520 e 4.521, em 20 de novembro de 1911, Primeiro Cartório de Registro de Imóveis - Comarca de Jundiaí.

<sup>18</sup> CARVALHO, Nilson Cardoso de, Os Tonolli de Itupeva, manuscrito, baseado em depoimento ao autor por Dr. Noraldino Tonolli, Indaiatuba, 28 jun. 1997.

<sup>19</sup> *Jornal de Jundiaí*, Jundiaí, 13 jul. 1969, Caderno Regional, fls. 3.

O exemplar acima publica um artigo sobre a casa próxima à estação de Mont Serrat com o título de “Solar dos Prates” e diz “Pertenceu à família Prates da Fonseca e posteriormente ao Dr. Teodomiro de Almeida Prado. Hoje seu proprietário é o Sr. Plínio da Silva, que com sua esposa D. Rosa e os filhos Álvaro, Zuleica e José habitam uma parte daquela que foi uma autêntica mansão do passado.”

---

\* Nilson Cardoso de Carvalho é fundador e conselheiro da Fundação Pró-Memória de Indaiatuba. Res. R. Pe. Vicente Rizzo, 366. Jd. Pau Preto. 13.330.360. Indaiatuba (SP)